

A ANÁLISE TECNOTIPOLOGICA DA CERÂMICA GUARANI DE
INFLUÊNCIA/INTERFERÊNCIA JESUÍTICA DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS
ALVIM, CASTELINHO E TAQUARUÇU

THE TECHNOTIPOLOGICAL ANALYSIS OF THE JESUIT
INFLUENCE/INTERFERENCE GUARANI CERAMICS AT THE
ARCHAEOLOGICAL SITES ALVIM, CASTELINHO AND TAQUARUÇU

Recebido em: 26/07/2023

Reenviado em: 28/09/2023

Aceito em: 15/10/2023

Beatriz Mercês de Souza dos Santos¹ 
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Neide Barrocá Faccio² 
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Resumo: Esse artigo possui o objetivo de analisar as características de interferência/influência jesuítica dos Sítios Arqueológicos Alvim (Pirapozinho – SP), Castelinho (Presidente Epitácio – SP) e Taquaruçu (Sandovalina – SP), por meio da cadeia operatória de La Salvia e Brochado (1989) e o modelo tecnotipológico de Faccio (1992), além da revisão bibliográfica de Reduções Jesuíticas e o contato com os Guarani. A partir do Tratado de Tordesilhas, em 1494, que tinha por objetivo dividir o “mundo” por uma linha imaginária entre as duas maiores potências do século XV – Portugal e Espanha – estabeleceram-se as Reduções Jesuíticas em busca da “salvação espiritual” dos indígenas e da demarcação do território fronteiriço espanhol, a fim de deter a expansão dos lusos sobre a região do Rio do Prata. Assim, uma nova organização do espaço atingiu o modo de viver Guarani, alterando a estrutura social das aldeias, a divisão do trabalho e, inclusive, a cultura material dos indígenas. Com isso, foi possível identificar nos sítios arqueológicos a presença da decoração plástica escovada, engobo vermelho na face interna e externa, apêndices, lábios planos e vaso em pedestal, que são caracterizados, pela literatura, como de influência jesuítica. Ainda, esse artigo discute o termo “influência” e acrescenta outro substantivo, com o intuito de evidenciar a violência sofrida pelos indígenas Guarani, a partir da invasão, colonização e catequização dos seus povos.

Palavras-chave: Cerâmica Guarani; Reduções Jesuíticas; Influência Jesuítica; Brasil Colonial

Abstract: This article aims to analyze the characteristics of Jesuit interference/influence of the Archaeological Sites Alvim (Pirapozinho – SP), Castelinho (Presidente Epitácio – SP) and Taquaruçu (Sandovalina – SP), through the operative chain of La Salvia and Brochado (1989) and Faccio's technotypological model (1992), as well as a bibliographical review of Jesuit Reductions and contact with the Guarani. From the Treaty of Tordesillas, in 1494, which aimed to divide the “world” by an imaginary line between the two greatest powers of the 15th century – Portugal and Spain – the Jesuit Reductions were established in search of the “spiritual salvation” of the indigenous peoples and the demarcation of the Spanish border territory, in order to stop the expansion of the Portuguese over the region of the River Plate. Thus, a new organization of space reached the Guarani way of life, changing the social structure of the villages, the division of labor and even the material culture of the indigenous people. Thus, it was possible to identify in the archaeological sites the presence of brushed plastic decoration, red engobe on the internal and external face, appendices, flat lips and pedestal vase, which are characterized, by the literature, as having a Jesuit influence. Also, this article discusses the term “influence” and adds another noun, with the aim of highlighting the violence suffered by the Guarani indigenous people, from the invasion, colonization and catechization of their peoples.

¹ Aluna do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências e Tecnologia (campus de Presidente Prudente). E-mail: beatriz.mercês@unesp.br

² Professora Livre-Docente Adjunto do Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências e Tecnologia (campus de Presidente Prudente). E-mail: neide.faccio@unesp.br.

Keyword: Ceramics Guarani; Jesuit Reductions; Jesuit Influence; Colonial Brazil.

INTRODUÇÃO

Esse artigo é o resultado da monografia intitulada “O estudo tecnotipológico da cerâmica Guarani dos Sítios Arqueológicos Castelinho, Alvim e Taquaruçu”, realizada na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências e Tecnologia (campus de Presidente Prudente) e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Processo: 2019/26764-3).

O estudo foi realizado no Laboratório de Arqueologia Guarani e Estudos da Paisagem (LAG) com o intuito de identificar as principais características de influência/interferência jesuítica na cerâmica Guarani dos Sítios Arqueológicos Alvim, Castelinho e Taquaruçu, por meio da cadeia operatória de La Salvia e Brochado (1989) e do modelo tecnotipológico de Faccio (1992), partindo da interdisciplinaridade da Geografia e da Arqueologia.

O Sítios Arqueológico Alvim e o Sítio Taquaruçu foram estudados, respectivamente, por Faccio (1992) e Thomaz (1995), que os classificaram como sítios históricos de contato. Em 2017, o LAG recebeu a doação de materiais cerâmicos do Sítio Arqueológico Castelinho, que possuía características semelhantes aos do Sítio Alvim e Taquaruçu. Por isso, nos dedicamos a refazer parte da análise dos materiais cerâmicos desses sítios, que já tinham sido estudados e compará-los com os materiais cerâmicos do Sítio Castelinho, para confirmar sua influência/interferência jesuítica.

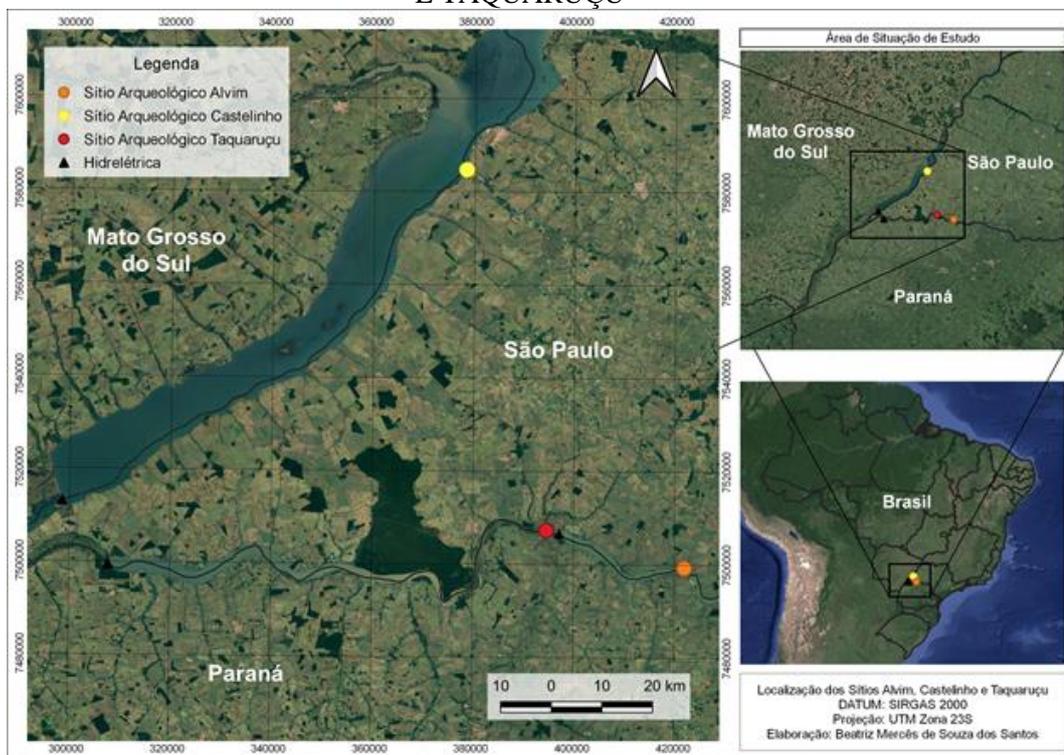
De acordo com Faccio (1992), como exemplo dessas modificações nos artefatos da cultura material Guarani, após o contato, está a presença de apêndices – ou alças – e a decoração escovada na cerâmica. Zuse (2009) relata a preferência dos missionários jesuítas pelo acabamento de superfície da cerâmica no tipo liso, com engobo vermelho e a granulometria do antiplástico mais fina, dando origem a uma pasta lisa e homogênea.

O Sítio Arqueológico Alvim está localizado no município de Pirapozinho – SP, no baixo curso do Rio Paranapanema, próximo à foz do Rio Rebojo. O Sítio Arqueológico Castelinho está localizado no município de Presidente Epitácio – SP, na margem do Rio Paraná, próximo à foz do Rio Santo Anastácio e o Sítio Arqueológico Taquaruçu está localizado no município de Sandovalina – SP, na margem direita do Rio Paranapanema, a montante da confluência do Ribeirão Pirapozinho (**Imagem 1**).

A partir da análise cerâmica dos sítios arqueológicos em questão, verificamos semelhanças entre eles, como a presença da decoração plástica escovada, engobo vermelho na

face interna e externa, base em pedestal, lábios planos e apêndices, que são características evidenciadas pela literatura como de influência/interferência jesuítica.

IMAGEM 1 – LOCALIZAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS ALVIM, CASTELINHO E TAQUARUÇU



Fonte: SIRGAS 2000. Elaboração: Santos (2022).

METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Foram analisados e comparados 585 fragmentos cerâmicos dos Sítios Arqueológicos Castelinho (153 peças), Alvim (225 peças) e Taquaruçu (207 peças). No caso da cerâmica Guarani, o uso de acordelamento, de acordo com La Salvia e Brochado (1989, p. 154), “é o mais comum mesmo durante o contato com o europeu onde continuam produzindo para atender suas necessidades com as técnicas nativas”.

A produção da cerâmica constitui um conjunto de etapas que corresponde à técnica e à tradição do artesanato. Com isso, o primeiro passo é a obtenção da argila e, quando necessário, a sua plasticidade é alterada com a adição de materiais que não são plásticos, como o caco moído. Posteriormente, o artefato é confeccionado de acordo com determinada função, classificados por La Salvia e Brochado (1989) como utilitárias (artefatos fabricados para atender as necessidades mais gerais do cotidiano), especiais (artefatos fabricados para determinados

produtos de uso especial) e exclusivas (artefatos para uso definidos em ritos religiosos sociais, não podendo ser utilizado para outro fim).

Dada a cadeia operatória, a análise da cerâmica partiu do modelo proposto por Faccio (1992):

O pressuposto básico é tornar a vasilha cerâmica enquanto unidade de estudo (...). No entanto, na arqueologia brasileira, a grande maioria do material cerâmico é coletada na forma de fragmentos, sendo raros os potes que conseguem ser recuperados inteiros. Assim, o encaminhamento proposto é agrupar os fragmentos provenientes de uma mesma vasilha através de análises de sua distribuição na área do sítio, dos planos de fratura e dos diferentes atributos tecnológicos e estilísticos (características da pasta, decoração, forma e dimensões) (FACCIO, 1992, p. 82).

Antes do início da análise tecnotipológica, a cerâmica, quando fragmentada, foi reunida em conjuntos de fragmentos de uma mesma vasilha. Dessa forma, essa análise reuniu os seguintes atributos: a técnica de manufatura (a técnica ou técnicas utilizadas para a produção do utensílio); o antiplástico (como areia, carvão mineral, caco moído e outros); a espessura da parede das vasilhas (medidas de espessura da peça tomadas com um paquímetro); tipo de decoração (presença da decoração plástica ou pintada) e forma das vasilhas (a partir da reconstituição de fragmentos de borda, foram realizadas reconstituições da vasilha com base em cálculos matemáticos).

As características analisadas como influência/interferência jesuítica no material cerâmico foram a decoração plástica escovada, a decoração com engobo vermelho na face interna e externa, lábios planos de bordas, apêndices e vasos em formato de pedestal. Ainda, para a caracterização dos tipos de vasilha, foram reconstituídas todas as bordas presentes em cada sítio no papel vegetal, por meio de seu diâmetro e, depois, passado para o programa CorelDraw®. Assim, conseguimos classificar os tipos de vasilha e, conseqüentemente, sua possível forma.

Foram levantadas inúmeras referências históricas, arqueológicas e geográficas nos principais bancos de dados presentes, como o Athena (Unesp), o Repositório de Produção da USP, o DSPACE da UFPR, o OMNIS da PUCRS e o Google Acadêmico.

AS REDUÇÕES JESUÍTICAS E O CONTATO COM OS GUARANI

Zuse (2009) define os Guarani como parte do tronco Tupi, amplamente difundido pelo território brasileiro:

Habitavam os atuais territórios do leste do Paraguai, leste da Argentina, no Uruguai e sul do Brasil, principalmente nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul e São Paulo. Os Guarani se adaptavam a diferentes climas, em altitudes que variam desde o nível do mar até 900-1000 m, inclusive em áreas mais frias da Serra Geral do estado do Paraná, ao mesmo tempo que ocupavam áreas com distintos tipos de solos, desde os mais pobres até os mais férteis. A duração dos assentamentos geralmente era longa, podendo ultrapassar 100 anos, conforme demonstram os solos antropogênicos (ZUSE, 2009, p. 4).

Segundo Noelli (2004), os Guarani costumavam sair de seus assentamentos, por conta da rotação de culturas, podendo dar, assim, descanso para suas terras. Além disso, abriam clareiras nas florestas para suas aldeias e roças, previamente definidos para sua subsistência e vida social, como áreas de atividades econômicas, cemitérios e locais para rituais.

A partir da entrada dos espanhóis na região da Bacia do Prata, que antes era habitada pelo grupo Guarani, ocorreu a exploração da mão de obra desse grupo nas “encomiendas” ou a inserção nas missões religiosas pelos jesuítas. Esses assentamentos do grupo Guarani sempre formavam redes, que tinham aspectos defensivos, econômicos, práticos e simbólicos, como a troca de pessoas, objetos, informações e conhecimentos (ZUSE, 2009).

Zuse (2009) enfatiza que a expansão do grupo ainda está em construção pelas descobertas arqueológicas ao longo do país, mas o consenso é que os sítios estão em vales férteis dos rios, partindo de uma adaptação agrícola iniciada, provavelmente, na Floresta Amazônica, de uma direção oeste-leste, a partir do Baixo Rio Paraná, adentrando o estado do Rio Grande do Sul, a partir do eixo formado pelos Rios Uruguai, Ijuí e Jacuí.

Na década de 1960, segundo Zuse (2009), os pesquisadores do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, o PRONAPA, denominaram a cerâmica da família Tupi-Guarani no termo “Tradição Ceramista Tupiguarani”, englobando os povos Guarani do sul do Brasil, além dos Tupi de São Paulo e Nordeste. Brochado (1980) propôs a divisão da Tradição Tupi-guarani, que foi baseada na distribuição regional e nas formas das cerâmicas, em duas subtradições.

A subtradição pintada ou Tupinambá, encontrada nos sítios de São Paulo ao Nordeste e a subtradição corrugada ou Guarani para o sul do país, a partir do Paranapanema. A subtradição escovada também estaria relacionada com os Guarani, no entanto, esta seria mais recente e corresponderia à área de estabelecimento das Reduções Jesuítico-Guarani nos séculos XVI e XVII (ZUSE, 2009)

Quando falamos em Tradição, segundo Chmyz (1976), esse conceito não se relaciona com grupos étnicos, mas sim, como um grupo de elementos e técnicas, com persistência temporal. Milder (2000, p.145), reforça: “tradições não abandonam áreas, dominam áreas ou expandem. Tradições são técnicas que não podem ser de nenhuma forma confundidas com grupos sociais”. Já o rótulo Tupiguarani, segundo Noelli (2004, p. 25), foi criado pelo PRONAPA para “tratar a cultura de uma maneira artificialmente separada dos seres humanos” (ZUSE, 2009).

MORAIS (1999) propôs o termo Sistema Regional Guarani, para denominar os sítios arqueológicos de Tradição Tupiguarani, a partir do Rio Paranapanema, no estado de São Paulo, com base em dados históricos, etnográficos, padrões de assentamento e cultura material.

Noelli (1993) defende que o grupo Guarani reproduzia sua cultura e impunham sua ideologia às outras regiões que iam sendo colonizadas, desde a Amazônia até a foz do Rio Paraná, além das regiões leste e oeste. Assim, os Guarani persistiram por três mil anos reproduzindo com muita fidelidade sua cultura material, suas técnicas de confecção e uso, sua subsistência atrelada a linguagem e a comportamentos, até a chegada do europeu.

Antes, segundo Noelli (1999/2000), os Guarani reproduziam seus artefatos com pouca variabilidade, tendo a cerâmica com características constantes e variáveis seguindo um padrão estilístico rígido, de acordo com as regras tecnológicas que foram reproduzidas nos 2000 anos de história.

Para Oliveira (2008), a sociedade Guarani é mantedora de um *ethos*, que pode ser definida como uma tradição cultural, evidenciada pela similaridade dos traços decorativos e de decoração das vasilhas. Ainda, entende que apesar de seguirem normas e regras, ditadas pela tradição cultural, defende que não é tão rígida e inflexível, afirmando que nenhuma sociedade passa dois mil anos sem nenhuma mudança (ZUSE, 2009).

Com base nessas contribuições, Zuse (2009) começa sua problemática em torno de dois sítios arqueológicos na região central do Rio Grande do Sul, em um contexto de contato com o europeu em uma Redução Jesuítico-Guarani do início do século XVII. A partir de um trabalho com o reconhecimento de vasilhas inteiras, com análise das formas, tamanhos, tratamentos de superfície e gestos técnicos, verificou-se, a partir do momento do contato nas Reduções Jesuítico-Guarani, mudanças técnicas, como a bases planas e a cerâmica vermelha.

Zuse (2009) evidencia que quando os jesuítas começaram a fundar suas missões entre os Guarani, especificamente nos Rios Paraguai, Paraná, Uruguai e Jacuí, não encontraram uma

população intacta, já que os indígenas tinham sofrido um impacto da colonização durante mais de 50 anos.

Inicialmente, as expedições de reconhecimento, a fixação do colonizador à terra com o objetivo de explorar as riquezas e a captura de escravos pelos bandeirantes paulistas provocaram relações conflituosas entre índios Guarani e representantes da sociedade colonizadora luso-espanhola. O conquistador encontrou nos grupos indígenas mão-de-obra barata para sustentar uma colonização difícil, periférica e pouco interessante, através da *encomienda*, da *mita* e de outras formas de exploração (BASILE-BECKER, 1992 apud ZUSE, 2009, p. 16).

No Paraguai, o trabalho indígena predominante era o encomendado, isto é, um trabalho compulsório à disposição do invasor. Assim, a “encomienda” regulamentava o trabalho coletivo de uma comunidade indígena a serviço do rei, que concedia ao colonizador o direito de receber pelo serviço concebido pelo indígena na lavoura, construção e restauração das obras. Com isso, o colono tinha um tributo à Coroa e não renumerava os indígenas, fornecendo apenas assistência material e religiosa (ZUSE, 2009).

Segundo Quevedo (2000), o trabalho encomendado era uma forma de escravização indígena e essa política colonizadora representou a desintegração das comunidades Guarani, criando uma situação irreversível em sua economia de subsistência. Quanto à *mita*, estabelecia que os indígenas de uma determinada região deviam prestar serviço para diversos tipos de trabalho que beneficiavam os espanhóis. Devido à mão de obra escassa europeia, os Guarani supriam essa demanda, na parte litorânea para os portugueses e no interior para os espanhóis (ZUSE, 2009).

As Reduções Missioneiras foram estabelecidas com base nas palavras de deus por meio dos Jesuítas, sendo, segundo Machado (1999), algo em favor da salvação espiritual e física dos indígenas, mas teve como objetivo principal a demarcação do território fronteiriço espanhol, para deter a expansão dos lusos sobre a região do Rio do Prata. Assim, os missionários chegaram no Peru em 1568, no México em 1572 e em Assunção, no Paraguai, em 1587. De acordo com Zuse (2009), não foram os Jesuítas a se estabelecerem nas primeiras Reduções no Paraguai e, sim, os Franciscanos, em 1580.

Foi estabelecida, em 1609, a Província Jesuítica do Paraguai, abrangendo os atuais países do Paraguai, Argentina e Uruguai, além dos estados brasileiros do Paraná, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Já no século XVII, foram instalados os missionários da Companhia de Jesus nas fronteiras das áreas portuguesas e espanholas (ZUSE, 2009).

Inicialmente, os jesuítas foram chamados para batizar e dar atendimento religioso nas aldeias dos encomendados, chamadas de missões itinerante, mas estas se tornaram inadequadas e tiveram que providenciar essa organização dos indígenas a serem catequizados em povoações concentradas, autônomas diante dos fazendeiros espanhóis e dependentes do rei. Assim, foi estabelecida as Missões Religiosas no Paraguai e, depois, os jesuítas se estenderam por todo o espaço Guarani. O início oficial da ação jesuítica foi entre 1598 e 1621, com a fundação das Reduções dos Guarani (ZUSE, 2009).

As Reduções se constituíram na concentração de índios em pequenos povoados, para convertê-los à fé da Igreja Católica reformada, conforme estabelecido no Concílio de Trento (1545-1563). Inicialmente, eram simples povoados, com igrejas de madeira ou de taipa e residência dos índios estas geralmente feitas de pau-a-pique. A pedra era pouco utilizada, porque a ação escravista dos bandeirantes e a hostilidade do meio impunham um caráter itinerante ao empreendimento (QUEVEDO, 2000 apud ZUSE, 2009, p. 18)

A partir da política colonial, a Província do Paraguai foi dividida nas regiões das fundações da Frente Missionária do Guayrá, na Frente Missionária do Paraguai, na Frente Missionária do Itatim, na Frente Missionária do Uruguai e na Frente Missionária do Tape, que foram descritas por Zuse (2009).

A Frente Missionária do Guairá é a marca das primeiras missões Jesuítico-Guarani instaladas no Rio Paraná superior, a partir do Colégio de Assunção e nasceram a partir do pedido dos espanhóis para que os Jesuítas atendessem aldeias dos indígenas encomendados que estavam bastante “revoltados”. Foram fundadas, em 1610, as Reduções Nossa Senhora do Loreto e Santo Inácio Menor e, até 1628, foram criadas mais onze reduções, centradas na margem esquerda do Rio Paranapanema e de seus afluentes, além dos afluentes da mesma margem do Rio Paraná (ZUSE, 2009).

A Frente Missionária do Paraguai corresponde às terras entre a margem oriental do Rio Paraguai e à margem ocidental do Rio Paraná (BASILE-BECKER, 1992). Foram fundadas, em 1609, oito reduções duradoras de indígenas Guarani à sudeste da cidade de Assunção, ao norte mais duas de curta duração, além de três integradas por grupos indígenas não-Guarani (ZUSE, 2009).

Já a Frente Missionária do Itatim pertence ao atual estado do Mato Grosso do Sul, entre os rios Miranda, ao norte, Serra do Amambaí à leste e o rio Paraguai à oeste, incluindo as regiões pantaneiras. A partir de 1632, foram fundadas dez Reduções, como resposta a destruição

da Frente Missionária do Guairá pelos portugueses, mas também foram forçados a abandonar essas áreas pelos bandeirantes (ZUSE, 2009).

As Reduções da Frente Missionária do Uruguai integram os Trinta Povos Guarani, compreendidos pelas atuais áreas do Paraguai, da Argentina e do Brasil, distribuídos pelos vales dos Rios Uruguai e Paraná, mas em ambas as margens do primeiro. Na margem original, localizavam-se no que corresponde, atualmente, ao estado do Rio Grande do Sul, entre os Rios Ibicuí, Piratini e Ijuí (ZUSE, 2009).

Por último, temos a Frente Missionária do Tape, localizada na margem esquerda do Rio Uruguai, nas Bacias dos Rios Ibicuí e Jacuí, além do Planalto Central do atual Rio Grande do Sul. Os jesuítas, em 1626, receberam o direito à redução dos indígenas na região do Tape, fundando no alto Ibicuí e Bacia do Jacuí, 12 Reduções (ZUSE, 2009).

A criação das Reduções, segundo Bogoni (2008), foi uma estratégia para denominar as missões de evangelização organizadas pelos padres jesuítas a partir do século XVI, inicialmente na Província do Paraguai e estendendo-se por todo território que abrangia o atual Norte do Paraná.

A origem das Reduções foi estabelecida em 1603 quando o governador Hernán Arias de Saavedra (chamado de Hernandárias) reuniu os prelados do território de Assunção (atual capital do Paraguai), com a intenção de pedir ao Conselho das Índias e ao rei da Espanha a vinda de missionários jesuítas para a região, com o fim de evangelizar os índios guaranis e promulgar leis proibindo a escravização destes, bem como orientação espiritual e moral aos colonos (BOGONI, 2008, p. 30).

De acordo com Lugon (1968), além de Facchini e Neves (1988), as Reduções do Guairá eram sempre construídas segundo um mesmo plano:

[...] tinha uma praça central (em torno de 130m de extensão) em torno da qual era construída a igreja, com a casa das viúvas e órfãos de um lado e a escola (as crianças a frequentavam, em média, 12 anos e estudavam o guarani, espanhol e latim. Os que mais se destacavam seguiam os estudos para assumir funções de responsabilidade), a casa dos missionários e os ateliês do outro; atrás da igreja se estendiam o pomar e a horta; as moradias dos índios erguiam-se do outro lado da praça; nos outros dois lados situavam-se o Conselho da Missão, uma portaria, uma hospedaria, capelas, um relógio de sol e, mais adiante, uma prisão; no centro erguia-se a imagem da Santíssima Virgem Maria ou do santo padroeiro da Missão. A praça servia para as grandes festas religiosas ou civis; as casas eram de pedra, retilíneas, separadas por corredores largos; os muros tinham um metro de espessura; as habitações tinham chaminé e outros aposentos se ligavam às dependências principais; ao redor da Missão trincheiras e muros protegiam contra os indígenas não reduzidos e os bandeirantes (BOGONI, 2008, p. 31).

A justiça era uma atribuição dos jesuítas, que executavam a pena, o auto castigo, as chibatadas e, até mesmo, a prisão dos indígenas, tendo como punição máxima o exílio. Assim, as Reduções Jesuíticas foram criadas com o objetivo de exercer o controle, a defesa e a catequização dos indígenas, além de garantir a posse dos territórios conquistados e defender as fronteiras já estabelecidas. Ainda, os jesuítas optaram pelas Reduções, que eram instaladas distantes dos povoados espanhóis, com o intuito de facilitar a catequese e proteger os indígenas dos “encomenderos” (BOGONI, 2008).

De acordo com Bogoni (2008), se para os jesuítas as Reduções significavam parte do plano de conquista, para os indígenas significava mudanças no seu modo de vida, já que, com o deslocamento de seu território para a Redução, os Guarani perdiam a sua liberdade de locomoção para se submeter a um território colonial, cristão e, ainda, restrito.

Dizer que a redução oferecia melhor forma de vida para os Guarani é uma afirmação sob a ótica europeia, com seus costumes diferentes, e não leva em consideração as tradições herdadas pelos índios dos seus antepassados. Tanto não era melhor, que aparecia com frequência a resistência, como forma de reação às práticas ditadas pelos catequizadores, que representavam uma violência e uma alteração em relação a tudo que eles conheciam e praticavam. A esses líderes resistentes os missionários rotulavam de “magos” e “atrasados” (BOGONI, 2008, p. 103).

Ainda, Mota (2015) ressalta que:

A história oficial hegemônica dos grandes heróis, conquistadores e desbravadores, impõe uma forma de entendimento desse processo a partir da perspectiva eurocêntrica-colonial, desqualificando a complexidade das formas de existir e estratégias de resistências dos povos indígenas, como se esses homens e essas mulheres estivessem estáticos no espaço-tempo, à espera dos europeus (MOTA, 2015, p. 99).

Segundo Toccheco (1991) e Machado (1999), a desorganização e a desagregação das populações indígenas se deram através da modificação do seu espaço, da sua crença e da sociedade como um todo. Nas primeiras Reduções, mantinham a organização espacial dos territórios indígenas e os materiais construtivos que eram utilizados, como madeira, palha e barro, entretanto, buscavam o reordenamento do espaço, para que contribuísse para a cristianização e civilização.

Assim, uma nova organização do espaço atingiu o modo de viver Guarani: com o objetivo de instituir a família monogâmica, “os missionários substituem a grande casa comunal que abrigava a casa extensa Guarani, unidade fundamental de sua sociedade, por habitações nucleares, onde mora apenas uma família, o pai, a mãe e os filhos” (ZUSE, 2009, p. 21).

Página 117

DOI: <https://doi.org/10.56579/rei.v5i6.688>

De acordo com Zuse (2009), o espaço social da dança e da festa, foi proibida. Ainda, o centro da aldeia é representado pela igreja, que ostenta a beleza e a casa dos padres, além dos enterramentos passarem a ser feitos em covas rasas e não mais em urnas funerárias. É iniciada a produção de roças em grande escala e de diferentes tipos de vegetais, não mais conforme às necessidades dos Guarani, afetando também a cultura material.

A implantação deste novo modo de vida e nova religião não ocorreu sem resistências e conflitos. O pajé ou xamã era o pensador da cultura e, ao tempo da missão, o mais ferrenho defensor dessa cultura indígena. Organizavam reações à implantação das reduções para manter os índios afastados delas ou recuperar os já incorporados, matando missionários e incendiando os povoados (ZUSE, 2009, p. 21).

A Missão incorporou a estrutura do cacicado, atribuindo aos líderes indígenas uma posição administrativa, acompanhada de destaque social. De acordo com Basile-Becker (1992) e Machado (1999), os missionários associavam-se ao cacique, já que, ele sendo o porta voz do grupo, poderia conquistar o restante da sociedade Guarani. Baptista (2007) afirma que os jesuítas utilizavam o discurso católico, com promessas de castigo e prêmio, acusação individual e coletiva, promessas de fomes, pestes, feras e guerras contra aqueles que não aceitassem a “Boa Nova”. Esse discurso era transmitido através de sermões, pinturas e músicas.

A maioria das Reduções não possuem sua localização definida e, segundo Zuse (2009), em relação à nomenclatura da Redução, os pesquisadores encontram dificuldade em recorrer aos documentos de cartografia jesuítica, já que a localização geográfica nem sempre coincide com a atual. Ainda segundo a autora, as Reduções de primeira fase são de difícil localização, por serem construídas de barro e de pau a pique.

Quanto à cerâmica, na revisão de Brochado e Ribeiro feito por Zuse (2009, p. 26), a cerâmica de contato é atribuída às seguintes denominações: “fase reduções, fase missões e tradição neobrasileira e estas, às vezes, são divididas em ‘séries’”. A primeira, Fase Reduções, é referida à primeira fase das Reduções no Rio Grande do Sul; a Fase Missões é referida à segunda fase das Reduções no Rio Grande do Sul e, por último, a tradição Neobrasileira:

Se refere à cerâmica confeccionada por grupos familiares, neobrasileiros ou caboclos, com técnicas indígenas e de outras procedências, em que aparecem as decorações corrugada, escovada, aplicada, digitada, roletada e elementos como asas, alças, bases planas com pedestal, cachimbos angulares, discos perfurados de cerâmica e perdeneiras. Esta representaria o período em que os elementos europeus sobrepujam os indígenas e Brochado coloca entre 1600 a 1900 A.D (ZUSE, 2009, p. 27)

Segundo Ribeiro (1981), a “Fase Missões” de Brochado é diferenciada da “Fase Reduções” pela maior influência do europeu, principalmente pelo jesuíta espanhol. Na primeira fase, temos um maior percentual de tipos de decoração, como o vermelho e preto polido e de formas, como bases planas, em pedestais e anulares, agarradeiras modeladas, asas e alças, pratos rasos, tigelas, alguidares bilhas, bordas dobradas e filetadas, lábios planos, além das telhas, tijolos e ladrilhos.

No Vale do Rio Paranapanema, a cerâmica Guarani foi modificada por interferência dos jesuítas nos Sítios Arqueológicos Alvim e Taquaruçu, estudados por Faccio (1992) e Thomaz (1995), respectivamente. De acordo com Montoya (1985), a catequização na região do Rio Paranapanema teve início a partir da Redução de Santo Inácio de Loyola, pois os jesuítas perceberam, naquele local, inúmeros povoados e aldeias. No Rio Paraná, temos o Sítio Castelinho, que tem características na cultura material parecidas com as do Sítios Alvim e Taquaruçu, sendo colocada a hipótese da influência/interferência jesuítica.

A ANÁLISE CERÂMICA DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS ALVIM, CASTELINHO E TAQUARUÇU

Realizamos a análise cerâmica dos Sítios Arqueológicos Alvim, Castelinho e Taquaruçu a partir da identificação das classes, do grau de queima do material cerâmico, dos tipos de tratamento de superfície, do tipo de antiplástico e do tempero presente. Ainda, agrupamos os conjuntos de fragmentos de uma mesma vasilha cerâmica, além da reconstituição da forma das vasilhas, a partir de fragmentos de borda, que possibilitou aferir os tipos de vasilhas presentes nos sítios.

No Sítio Arqueológico Alvim, atributo classe, foram analisadas 17 bases, 177 bordas, uma borda com suporte para tampa, 12 bases, paredes e bordas (peças quase inteiras), cinco paredes angulares e 43 paredes, totalizando 225 peças.

Para o atributo grau de queima, identificamos 29 peças com a queima 1 (seção transversal sem presença de núcleos, com cor uniforme variando do laranja tijolo ao amarelo); 25 peças com a queima 2 (seção transversal sem presença de núcleos, com cor uniforme variando do cinza claro ao pardo); dez peças com a queima 3 (seção transversal com presença do núcleo central e uma camada interna e externa clara); 85 peças com a queima 4 (seção transversal sem presença de núcleos, com cor uniforme variando do cinza escuro ao preto) e seis peças com a queima 5 (seção transversal com uma camada clara na parte externa e uma camada escura na interna), indicando uma boa queima da argila.

Quanto ao atributo tratamento de superfície, identificamos 35 tipos no Sítio Arqueológico Alvim, de acordo com a **Tabela 1**.

TABELA 1 – TRATAMENTOS DE SUPERFÍCIE DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO ALVIM

Tratamento de superfície interno e externo	Número de peças	Frequência
Liso/Inciso	8	3,5%
Liso/Engobo branco	8	3,5%
Liso/Corrugado	121	53,7%
Liso/Pintura vermelha sobre engobo branco	9	4%
Liso/Liso	28	12,4%
Liso/Entalhado	1	0,4%
Liso/Engobo preto	2	0,8%
Liso/Ungulado	5	2,1%
Liso/Escovado	1	0,4%
Liso/Engobo vermelho	2	0,8%
Liso/Pintura preta e vermelha sobre engobo branco	2	0,8%
Liso/Pintura vermelha sobre engobo preto	1	0,4%
Entalhado/Entalhado	1	0,4%
Inciso/Inciso	1	0,4%
Engobo preto/Pintura vermelha sobre engobo branco	1	0,4%
Engobo preto/Ungulado	2	0,8%
Engobo preto/ Pintura vermelha sobre engobo preto	1	0,4%
Engobo vermelho/Pintura vermelha sobre engobo branco	18	8%
Engobo vermelho/Inciso	1	0,4%
Engobo vermelho/Ungulado	1	0,4%
Engobo vermelho/Engobo vermelho	1	0,4%
Engobo vermelho/Liso	4	1,7%
Engobo vermelho/Pintura preta e vermelha sobre engobo branco	4	1,7%
Engobo vermelho/Corrugado	2	0,8%
Engobo vermelho/Engobo branco	3	1,5%
Engobo branco/Engobo vermelho	2	0,8%

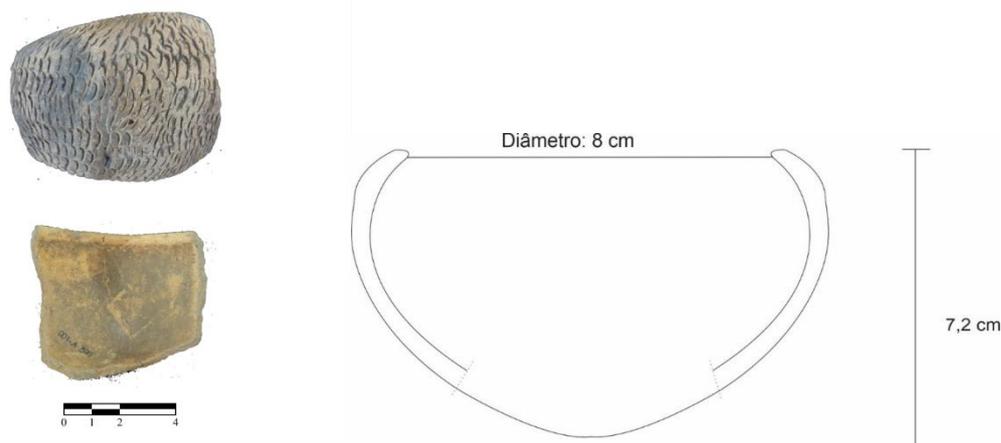
Engobo branco/Pintura vermelha sobre engobo branco	3	1,5%
Engobo branco/Engobo branco	1	0,4%
Engobo branco/Liso	4	1,7%
Engobo branco/Roletado	1	0,4%
Pintado/Engobo vermelho	1	0,4%
Pintura preta sobre engobo branco/Pintura vermelha sobre engobo branco	1	0,4%
Pintura vermelha sobre engobo branco/Engobo vermelho	1	0,4%
Pintura preta e vermelha sobre engobo branco/Engobo vermelho	1	0,4%
Pintura preta e vermelha sobre engobo branco/Pintura preta e vermelha sobre engobo branco	1	0,4%
Total	225	100%

Fonte: Santos (2022).

Verifica-se que o tipo de tratamento de superfície mais presente do Sítio Alvim é a face interna lisa e externa corrugada (53,7%), seguido da face interna e externa lisa (12,4%), face interna com engobo vermelho e externa com pintura vermelha sobre engobo branco (8%), face interna lisa e externa com pintura vermelha sobre engobo branco (4%), face interna lisa e externa incisa (3,5%), face interna lisa e externa com engobo branco e face interna lisa e externa unzulada (2,1%).

Das peças analisadas, o Sítio Alvim apresentou 176 fragmentos com antiplástico mineral com tempero de caco moído e 79 fragmentos com antiplástico mineral. Dos 225 fragmentos, agrupou-se 16 conjuntos, sendo o maior conjunto constituído de 40 fragmentos. As **Imagens 2 e 3** mostram a reconstituição da forma da vasilha 371, a partir do fragmento de uma borda.

IMAGEM 2 E 3 – FACE INTERNA/EXTERNA E RECONSTITUIÇÃO GRÁFICA DA PEÇA 371 DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO ALVIM



Fonte: Santos (2022).

A peça 371 do Sítio Arqueológico Alvim possui a face interna lisa e face externa unglada, com 8 cm de diâmetro de boca e 7,2 cm de altura. Pela sua forma, pode ser classificada como um *ñaetá*, isto é, uma caçarola.

Ainda, os tipos de borda encontrados no Sítio Alvim foram 51 peças contraídas, 31 diretas inclinadas internas, 18 diretas inclinadas externas, 51 extrovertidas inclinadas internas, uma extrovertida inclinada externa e uma cambada.

No Sítio Arqueológico Castelinho, atributo classe, foram analisadas 21 bases; 42 bordas; três bordas e paredes; oito bordas paredes e bases (peças quase inteiras); 69 paredes; sete paredes angulares; duas paredes e bases; um suporte para panela e um vaso com pedestal, totalizando 153 peças.

Para o atributo grau de queima, identificamos seis peças com a queima 1; 26 peças com a queima 2; duas peças com a queima 3; 110 peças com a queima 4; oito peças com a queima 5 e uma peça com a queima 6 (seção transversal com uma camada clara na parte interna e uma camada escura na externa), indicando uma boa queima da argila.

Quanto ao atributo tratamento de superfície, identificamos 21 tipos no Sítio Arqueológico Castelinho, de acordo com a **Tabela 2**.

TABELA 2 - TRATAMENTOS DE SUPERFÍCIE DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO CASTELINHO

Tratamento de superfície interno e externo	Número de peças	Frequência
Liso/Corrugado	29	18,9%
Liso/Corrugado associado ao unglado	23	15%
Engobo vermelho/Engobo branco	2	1,3%

Liso/Engobo branco	2	1,3%
Liso/Engobo vermelho	4	2,6%
Engobo vermelho/Engobo vermelho	16	10,4%
Engobo vermelho/Engobo vermelho com incisão	1	0,65%
Liso/Escovado	18	11,7%
Liso/Escovado com inciso	1	0,65%
Liso/Inciso	2	1,3%
Engobo vermelho/Inciso	1	0,65%
Liso/Inciso com apliance mamilar e suporte	1	0,65%
Liso/Liso	34	22,2%
Engobo vermelho/ Não identificado	1	0,65%
Liso/Não identificado	1	0,65%
Engobo vermelho/Pintura preta sobre engobo vermelho	2	1,3%
Engobo vermelho/Pintura vermelha sobre engobo branco	2	1,3%
Liso/Pintura preta sobre engobo branco	1	0,65%
Liso/Pintura preta e vermelha sobre engobo branco	1	0,65%
Liso/Pintura vermelha sobre engobo branco	13	8,4%
Liso/Ungulado	5	3,2%
Total	153	100%

Fonte: Santos (2022).

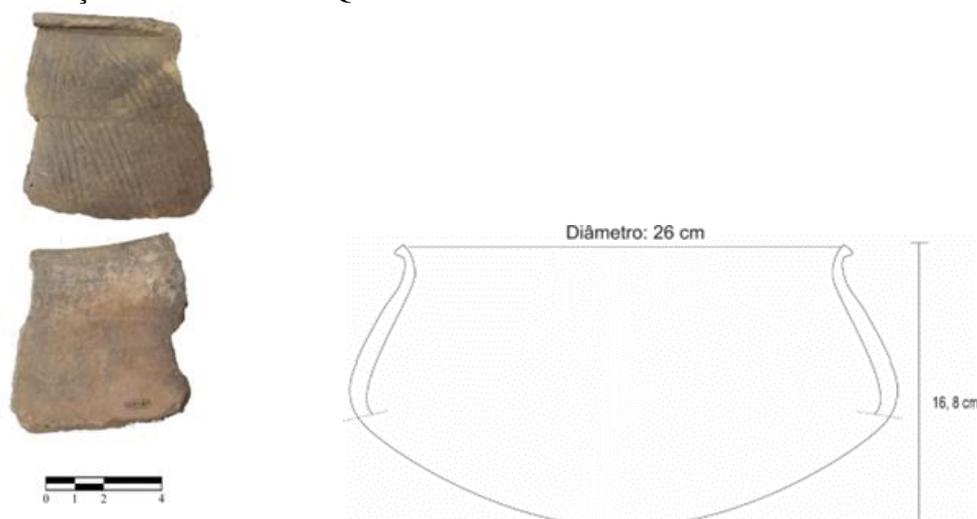
O tipo de tratamento de superfície mais frequente no Sítio Castelinho é a face interna e externa lisa (22,2%), seguido da face interna lisa e externa corrugada (18,9%); face interna lisa e externa escovada (11,7%); face interna e externa com engobo vermelho (10,4%); face interna lisa e externa com pintura vermelha sobre engobo branco (8,4%); face interna lisa e externa unglada (3,2%) e face interna lisa e face externa com engobo vermelho (2,6%).

Das peças analisadas, o Sítio Castelinho apresentou o antiplástico mineral com tempero de caco moído em todas as peças. Dos 153 fragmentos, agrupou-se 18 conjuntos, sendo o maior conjunto constituído de 16 fragmentos. As **Imagens 3 e 4**, mostram a reconstituição da forma da vasilha 23, a partir de um fragmento de borda.

A peça 23 do Sítio Arqueológico Castelinho é de face interna lisa e face externa escovada com inciso, de 26 cm de diâmetro de boca e 16,8 cm de altura. Pela sua forma, pode ser classificada como um *ñaetã*, isto é, uma caçarola para cozinhar.

Ainda, os tipos de borda encontrados no Sítio Castelinho foram seis contraídas, nove carenadas, 12 diretas inclinadas internas, três diretas inclinadas externas e 16 extrovertidas inclinadas internas.

IMAGEM 3 E 4 – FACE INTERNA/EXTERNA E RECONSTITUIÇÃO GRÁFICA DA PEÇA 23 DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO CASTELINHO



Fonte: Santos (2022).

No Sítio Arqueológico Taquaruçu, atributo classe, foram analisadas duas bases, 22 bordas, 166 paredes e 17 paredes angulares, totalizando 207 peças.

Para o atributo grau de queima, identificamos 18 peças com a queima 1; 31 peças com a queima 2; três peças com a queima 3; 107 peças com a queima 4 e 48 peças com a queima 5, indicando uma boa queima da argila.

Quanto ao atributo tratamento de superfície, identificamos 19 tipos no Sítio Arqueológico Taquaruçu, de acordo com a Tabela 3.

TABELA 3 - TRATAMENTOS DE SUPERFÍCIE DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO TAQUARUÇU

Tratamento de superfície interno e externo	Número de peças	Frequência
Liso/Liso	42	20,8%
Engobo branco/Liso	16	7,7%

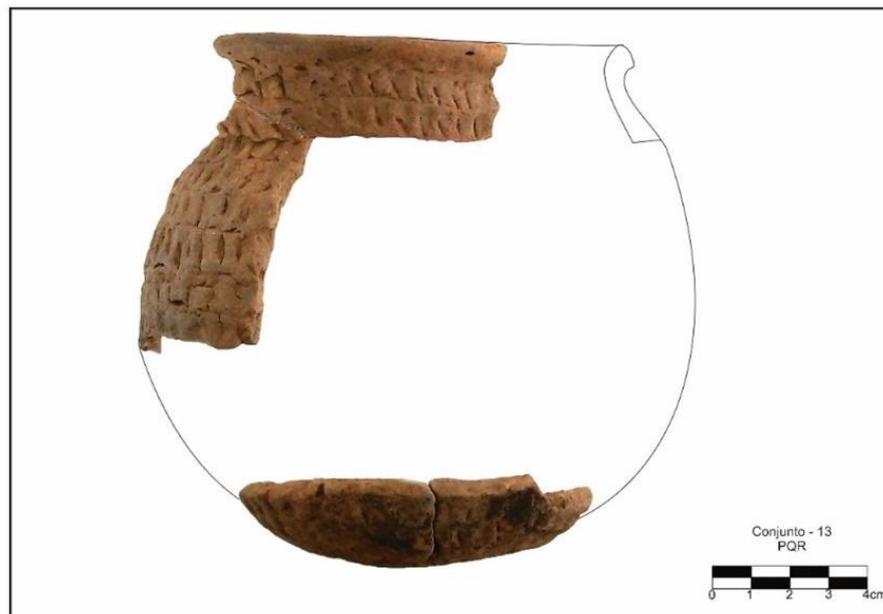
Pintura vermelha sobre engobo branco/Liso	1	0,48%
Não identificado/Liso	37	17,8%
Liso/Ungulado	17	8,2%
Liso/Inciso	2	0,96%
Liso/Corrugado	4	1,93%
Liso/Escovado	39	18,8%
Liso/Ponteado	5	2,4%
Liso/Engobo vermelho	1	0,48%
Engobo vermelho/Engobo vermelho	1	0,48%
Liso/Corrugado associado ao escovado	1	0,48%
Liso/Pintura vermelha sobre engobo branco	13	6,2%
Liso/Ponteado com incisão	2	0,96%
Liso/Espatulado	16	7,7%
Liso/Pintura preta sobre engobo branco	2	0,96%
Engobo branco/ Engobo vermelho	1	0,48%
Liso/Não identificado	5	
Não identificado/Não identificado	2	0,96%
Total	207	100%

Fonte: Santos (2022).

O tipo de tratamento de superfície mais frequente no Sítio Taquaruçu é a face interna e externa lisa (20,8%), seguida da face interna lisa e externa escovada (18,8%), face interna não identificada e face externa lisa (17,8%), face interna com engobo branco e face externa lisa (7,7%), face interna lisa e externa espatulada (7,7%), além da face interna lisa e face externa unguado (8,2%) e face interna lisa e externa com pintura vermelha sobre engobo branco (6,2%).

Das peças analisadas, o Sítio Taquaruçu apresentou 60 fragmentos com antiplástico mineral; 113 fragmentos com mineral e tempero de caco moído; três fragmentos com mineral e tempero de carvão e 31 fragmentos com mineral e tempero de caco moído e carvão. Dos 207 fragmentos, agrupou-se 22 conjuntos, sendo o maior conjunto constituído de 42 peças. A **Imagem 5**, mostra a reconstituição da forma da vasilha do conjunto 23, a partir do fragmento de uma borda.

IMAGEM 5 – FACE EXTERNA E RECONSTITUIÇÃO GRÁFICA DO CONJUNTO 23 DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO TAQUARUÇU



Fonte: Santos (2022).

O conjunto 23 do Sítio Arqueológico Taquaruçu é constituído 16 fragmentos cerâmicos, de face interna lisa e face externa espatulada, de 12 cm de diâmetro de boca e 15,6 cm de altura. Pela sua forma, pode ser classificada como um *yapepó*, isto é, uma panela.

Ainda, os tipos de borda encontrados no Sítio Taquaruçu foram uma contraída, uma direta inclinada interna, oito diretas inclinadas externas e quatro extrovertidas inclinadas internas.

AS CARACTERÍSTICAS DE INFLUÊNCIA/INTERFERÊNCIA JESUÍTICA NOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS ALVIM, CASTELINHO E TAQUARUÇU

Diante do apresentado no tópico “As Reduções Jesuíticas e o contato com os Guarani” nesse artigo, consideramos questionável o substantivo “influência” para sítios arqueológicos que possuem características de contato europeu na cerâmica, por denotar uma certa imparcialidade diante da violência executada pelos invasores no território que, hoje, é chamado de Brasil.

De acordo com o Dicionário Aurélio (2023), os significados do substantivo feminino “influência” são a “ação ou efeito de influir, de causar uma ação, um afeito, um efeito em outra coisa ou pessoa”; a “ação que uma pessoa ou coisa exerce sobre a outra”; “a capacidade de ocasionar um resultado sobre algo ou sobre alguém”, além de “poder, prestígio ou autoridade que alguém usufrui em uma determinada sociedade ou em outro âmbito qualquer”.

Além da instauração das missões como uma forma de catequização e de delimitação fronteira para as coroas portuguesas e espanholas, a Companhia de Jesus foi capaz de alterar

toda a organização social e do trabalho Guarani e, não bastando, também tinham o poder de alterar as técnicas e o tratamento de superfície dos materiais cerâmicos desses povos (BOGONI, 2008; BORELLI, 1984; ZUSE, 2009).

Zuse e Milder (2008) evidenciam, com base em Santos e Gomes (2003), que o objetivo máximo dos jesuítas era a desestruturação do simbolismo cultural dos Guarani, sendo possível a sua dominação. Assim, as Reduções Jesuíticas provocaram mudanças, segundo os autores, na estrutura social, política e econômica, além da mudança na técnica de confecção da cerâmica, passando a existir uma coexistência de elementos Guarani e europeus.

Em consequência disso, acreditamos que essa mudança não deixa de ser um modo de violência e imposição, como todo o processo de invasão e colonização, que ignorou a cultura dos povos presentes nessa Terra. Por isso, com o intuito de denotar esse regime de violência, iremos acrescentar o substantivo feminino “interferência” que, segundo o Dicionário Aurélio (2023), significa “ação ou ato de intervir” e “conjunção de uma coisa e outra que, simultaneamente, produzem um novo efeito”. Assim, adotaremos o termo “influência/interferência jesuítica” com o intuito de não desconsiderarmos a literatura atual, mas também nos posicionarmos frente ao processo de violência dos invasores europeus.

Diante das referências de cerâmica de contato europeu por Faccio (1992), Noelli (1993), Thomaz (1995) e Zuse (2009), identificamos nos Sítios Arqueológicos Alvim, Castelinho e Taquaruçu a presença de decoração plástica escovada, o engobo vermelho na face interna e externa, os lábios planos na borda (**Imagem 6**), os apêndices (**Imagem 7**) e o vaso em forma de pedestal (**Imagem 8**), conforme a **tabela 4**.

IMAGEM 6 – LÁBIO PLANO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO ALVIM



Fonte: Santos (2022).

IMAGEM 7 – APÊNDICES DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO ALVIM



Fonte: Santos (2022).

IMAGEM 8 – VASO EM PEDESTAL DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO CASTELINHO



Fonte: Santos (2022).

TABELA 4 – CARACTERÍSTICAS DE INFLUÊNCIA/INTERFERÊNCIA JESUÍTICA NAS CERÂMICAS DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS ALVIM, CASTELINHO E TAQUARUÇU

Sítios Arqueológicos/ Características	Castelinho (Peças)	Alvim (Peças)	Taquaruçu (Peças)
Decoração plástica escovada	19	1	39
Decoração com engobo vermelho na face interna e externa	17	1	1
Vaso com pedestal	1	0	0
Vaso com suporte para cabo	1	0	0
Lábios planos	0	17	2
Apêndices	0	2	1
Telhas	0	0	26

Fonte: Santos (2023).

De acordo com a tabela, o Sítio Arqueológico Castelinho possui decoração plástica escovada, engobo vermelho na face interna e externa, vaso com pedestal e vaso com suporte para cabo. O Sítio Alvim possui decoração plástica escovada, engobo vermelho na face interna e externa, lábios planos e apêndices. Já o Sítio Taquaruçu possui decoração plástica escovada, engobo vermelho na face interna e externa, lábios planos, apêndices e telhas (**Imagem 9**).

IMAGEM 9 – TELHA JESUÍTICA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO TAQUARUÇU COM
CRUZ VAZADA



Fonte: Santos (2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Sítios Arqueológicos Alvim e Taquaruçu possuem a cerâmica de influência/interferência jesuítica comprovada por Faccio (1992) e Thomaz (1995), por conta das características dos sítios, além da proximidade com as Reduções Jesuíticas Nossa Senhora do Loreto e Santo Inácio Mini.

Na análise cerâmica, verificamos que o Sítio Alvim possui um número considerável de vasilhas inteiras, o que é raro na região do Oeste Paulista, além de apresentar um número expressivo de tipos de tratamento de superfície na cerâmica e a predominância do antiplástico mineral com tempero de caco moído na pasta, um dos indicadores da cerâmica Guarani, segundo Faccio (1992). Apesar de algumas características de contato, como os lábios planos e os apêndices, o Sítio Alvim também possui muitas características Guarani, como a pintura vermelha e preta sobre o engobo branco.

No Sítio Taquaruçu, identificamos uma quantidade menor de classes e tipos de tratamento de superfície. Em sua pasta, identificamos mineral, tempero com caco moído e carvão. Ainda, os tratamentos de superfície, comparada com os outros sítios analisados, possuem uma decoração diferente e simplista, evidenciando que, após o contato, a cerâmica deixa o perfeccionismo Guarani e passa a ter traços mais rústicos.

Por fim, o Sítio Castelinho também apresentou uma quantidade considerável de vasilhas inteiras e diferentes tipos de tratamento de superfície, além de toda a coleção apresentar o antiplástico mineral com tempero de caco moído. Apesar de características expressivas de contato europeu em sua cerâmica, como a presença de engobo vermelho na face interna e externa, decoração plástica escovada e vaso em pedestal, não possuímos evidências bibliográficas conhecidas de Reduções Jesuíticas na margem do Rio Paraná do lado paulista. Em contrapartida, o Sítio Castelinho foi datado de 350 +/- AP, mesmo período do estabelecimento das Reduções Jesuíticas na Província do Paraguai. Por isso, estamos realizando uma revisão bibliográfica expressiva que será publicada futuramente em nossa dissertação de mestrado.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Jean Tiago. **Fomes, pestes e guerras: dinâmicas dos Povoados Missionários em tempos de crises (1610-1750)**. Tese de doutoramento apresentado na PUCRS, em outubro de 2007.

BASILE-BECKER, Ítala Irene. Lideranças Indígenas no começo das Reduções Jesuíticas da Província do Paraguay. São Leopoldo: **Revista Pesquisas**, nº 47, 1992.

BOGONI, Saul. **O discurso de resistência e revide em Conquista Espiritual (1639), de Antonio Ruiz de Montoya: ação e reação jesuítica e indígena na Colonização Ibérica da Região do Guairá**. 2008. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá.

BORELLI, Silvia Helena Simões. “Os Kaingang no estado de São Paulo: constantes históricas e violência deliberada” In: VÁRIOS AUTORES. **Índios em São Paulo: resistência e transfiguração**. São Paulo, Ed. Yankatu e Comissão Pró-Índio de São Paulo, 1984.

BROCHADO, José Proenza. A tradição cerâmica Tupiguarani na América do Sul (Tupiguarani Ceramic Tradition in South America). **Clio: Revista de Pesquisa Histórica**, v. 3, n. 1, 1980.

CHMYZ, Igor. Terminologia Arqueológica Brasileira para Cerâmica. **Cadernos de Arqueologia**, Ano I; nº 1, 1976.

DICIONÁRIO AURÉLIO. **Influência**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/influencia/>. Acesso em: 03 Jun. 2023.

DICIONÁRIO AURÉLIO. **Interferência.** Disponível em:
<https://www.dicio.com.br/interferencia/>. Acesso em: 03 Jun. 2023.

FACCHINI, M. R.; NEVES, M. G. As reduções jesuíticas dos Guarani (1610-1768). In SILVA, A.A. (org.). **História da Evangelização na América Latina**. São Paulo: Edições Paulinas, 1988, p. 30-41.

FACCIO, Neide Barrocá. **Estudo do Sítio Arqueológico Alvim no Contexto do Projeto Paranapanema**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH/ USP, 1992.

LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José Proença. Cerâmica guarani. **Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura**, 1989.

LUGON, Clovis. **A República Comunista Cristã dos Guaranis (1610-1768)**. Trad: Álvaro Cabral. Rio: Paz e Terra, 1968.

MACHADO, Neli TG. A Redução de nossa senhora do Caçapamini (1627-1636): o impacto da missão sobre a população indígena. **Ijuí: Ed. UNIJUÍ**, 1999.

MILDER, Saul Eduardo Seiguer. **Arqueologia do Sudoeste do Rio Grande do Sul, uma Perspectiva Geoarqueológica**. São Paulo: MAE-USP, 2000.

MONTICIELLI, G. O céu é o limite: como extrapolar as normas rígidas da cerâmica Guarani. **Boletim Museu Emílio Goeldi, Ciências Humanas**, Belém, v.2, n.1, 2007.

MONTOYA, Antônio Ruiz. **Conquista Espiritual – Feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

MORAIS, José Luiz. **Perspectivas Geoambientais da Arqueologia no Paranapanema Paulista**. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999.

MOTA, Juliana Grasiéli Bueno. **Territórios, multiterritorialidades e memórias dos povos Guarani e Kaiowá: diferenças geográficas e as lutas pela Des-colonização na Reserva Indígena e nos acampamentos-tekoha – Dourados/MS / Juliana Grasiéli Bueno Mota. - Presidente Prudente: [s.n], 2015.**

NOELLI, Francisco Silva. A ocupação humana na região Sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas - 1872/2000. In: **Revista USP**. São Paulo: USP n°44 1999/2000

NOELLI, Francisco Silva. La distribución geográfica de las evidencias arqueológicas guarani. **Revista de Índias**, 2004, vol. LXIV, n°230.

NOELLI, Francisco Silva. **Sem Tekohá Não Há Tekó**. Em Busca De Um Modelo Etnoarqueológico da Aldeia de Subsistência Guarani e Sua Aplicação a uma Área de Domínio no Delta do Rio Jacuí, RS, Porto Alegre: PUCRS, 1993

OLIVEIRA, Kelly de. **Estudando a cerâmica pintada da tradição Tupiguarani: a coleção Itapiranga, Santa Catarina**. Dissertação apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

QUEVEDO, Júlio. **Guerreiros e Jesuítas na Utopia do Prata**. São Paulo: Edusc, 2000.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. O Tupiguarani no Vale do Rio Pardo e a Redução Jesuítica de Jesus Maria. In: **Revista do CEPA**. Santa Cruz do Sul: Associação Pró-Ensino, faculdade de Filosofia, Ciências e Letras/ Departamento de Ciências Sociais / Centro de pesquisas arqueológicas, 1981, 172.

SANTOS, Beatriz Mercês de Souza dos. **O estudo tecnotipológico da cerâmica Guarani dos sítios arqueológicos Castelinho, Alvim e Taquaruçu da área do Alto Rio Paraná - SP**. Presidente Prudente: Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2022.

SANTOS, J. R. Q.; GOMES, Roselene Moreira. **São Nicolau: primeira querência do Rio Grande**. 1 ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 2003.

THOMAZ, Rosângela Custodio Cortez. Arqueologia da Influência Jesuítica no Baixo Paranapanema: estudo do Sítio Taquaruçu, **Revista USP**, 1995.

TOCCHETTO, Fernanda Bordin. **A cultura material do Guarani Missioneiro como símbolo de identidade étnica**. Dissertação apresentada na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, março de 1991.

ZUSE, Silvana. **Os Guarani e a Redução Jesuítica: tradição e mudança técnica na cadeia operatória de confecção dos artefatos cerâmicos do Sítio Pedra Grande e entorno**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2009.

ZUSE, Silvana; MILDNER, Saul Eduardo Seiguer. Cerâmica Guarani e de Contato: Permanências e Mudanças Técnicas em uma Redução Jesuítica do Início do século XVII. **Anais do IX Encontro Estadual de História**, ANPUH-RS, 2008.